

## DOSSIÊ DE MORFOLOGIA

## QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM MORFOLOGIA E SUAS INTERFACES

## CONTEMPORARY ISSUES IN MORPHOLOGY AND THEIR INTERFACES

Ana Paula Scher<sup>1</sup>  
Danniel da Silva Carvalho<sup>2</sup>  
Paula Roberta Gabbai Armelin<sup>3</sup>

A Morfologia, em linhas gerais, é entendida como a área da linguística que investiga aspectos relacionados à formação e estrutura interna das palavras. No entanto, um simples aprofundamento dessa definição é suficiente para apontar para questões básicas e centrais que ainda hoje se constituem como um interessante debate nos estudos que tomam a palavra como objeto de investigação.

A própria definição dos seus primitivos e dos objetos de estudo da Morfologia, ou seja, a própria definição de raiz, morfema ou mesmo de palavra recebe diferentes abordagens a depender do quadro teórico a partir do qual a investigação é feita. Além disso, o lugar da formação de palavras nas teorias de gramática, bem como as possibilidades de interação e interface entre a palavra e os elementos correspondentes a outros tradicionais níveis de análise, tais como a fonologia, sintaxe e a semântica também suscitam uma variedade de respostas e possibilidades analíticas.

Inserindo-se nesses debates tão importantes para o desenvolvimento dos estudos linguísticos como um todo, o dossiê temático **Questões contemporâneas em Morfologia e suas Interfaces** apresenta trabalhos desenvolvidos a partir das mais distintas perspectivas teóricas, que reúnem análises que consideram a Morfologia ponto fundamental em suas análises. Os trabalhos aqui reunidos são um convite à reflexão sobre os diferentes sabores da construção dos itens vocabulares, dos itens lexicais, ou, simplesmente, das palavras, e sua interação com a produção significativa dos sons da língua, das sentenças e de seus significados, seja em contextos sincrônicos, seja em uma dimensão histórica.

O primeiro artigo, intitulado **Dando nome aos nomes: notas sobre a forma e o significado dos nomes próprios**, de Maurício Resende, trata dos problemas estritamente linguísticos que subjazem à caracterização dos mecanismos de derivação e dos diferentes empregos dos nomes próprios. Explorando uma visão alossêmica das raízes (SAAB & LO GUERCIO, 2019), o artigo investiga os diferentes tipos de nomes próprios e suas

---

<sup>1</sup> Professora Livre-docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Atua em seu Programa de Pós-Graduação em Linguística e coordena o Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída (GREMD). É bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq, processo nº 303461/2017-9, e lidera, nessa mesma agência, o Grupo de Pesquisas *Morfologia Distribuída: novos olhares*. E-mail: [anascher@usp.br](mailto:anascher@usp.br).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente é professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O autor recebeu o apoio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa – CNPq, processo nº 310302/2019-6. E-mail: [danielcarvalho@ufba.br](mailto:danielcarvalho@ufba.br).

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É coordenadora do Núcleo de Investigações em Teoria da Gramática (INTEGRA) no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. E-mail: [armelin.paula@ufjf.br](mailto:armelin.paula@ufjf.br).

propriedades distintas, além de levantar questões empíricas sobre sua natureza lexical. Assumindo que a explicação dos fatos empíricos levantados é descritivamente mais adequada se feita à luz do quadro teórico da Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), o texto endossa a proposta de um tratamento sintático para a formação de palavras.

O segundo artigo, de Indaiá Bassani e Julia Assine, **Morfologia interna e externa na emergência de prefixos durante a aquisição de português brasileiro**, descreve a emergência de raízes prefixadas por *a-*, *eN* e *deS-* na produção infantil durante a aquisição de português brasileiro como língua materna com base na distinção proposta em Marantz (2007) entre morfologia interna e externa. Com o objetivo de investigar variáveis morfológicas no processo de aquisição dos prefixos a partir de sua distribuição, as autoras partem da hipótese de que a emergência de estruturas com significado composicional (com presença de morfologia externa) aumenta com a idade da criança, dado que essas formações são morfossintaticamente mais complexas. Os resultados gerais mostraram que a maioria dos dados emergentes prefixados apresenta composicionalidade semântica e, conseqüentemente, em grande parte desses dados, os três prefixos ocupam uma posição externa em relação à raiz.

Em seguida, Rafael Minussi e Indaiá Bassani, com seu artigo intitulado **Sobre o conteúdo fonológico das raízes: raízes supletivas, fonologias genéricas e erros de fala**, retomam os argumentos presentes em Harley (2014) na discussão sobre a natureza das raízes e seu conteúdo na Lista 1 na Morfologia Distribuída. Os autores discutem três fenômenos linguísticos diferentes: a supleção em raízes, a possibilidade de uso de fonologias genéricas e os erros ou lapsos de fala. Sobre os dois primeiros, apontam que são indicativos de que a fonologia da raiz não está intrinsecamente ligada, desde o início da derivação sintática, ao conteúdo semântico que representa; ou seja, a Lista 1 não define a conexão entre fonologia e semântica das raízes. Dessa mesma maneira, os erros ou lapsos de fala fonológicos, em especial os que afetam as raízes, indicam também a possibilidade de inserção tardia, corroborando o modelo separacionista total, em que a Inserção de Vocabulário se dá após a categorização (o que se comprova pela manutenção da categoria dos itens alvos). O artigo defende, portanto, que as raízes, assim como os núcleos funcionais, estão sujeitas à inserção tardia de vocabulário.

Beatrice Nascimento Monteiro e Ana Paula Scher apresentam o artigo **O estatuto morfossintático dos prefixos negativos des- e in- em português**, no qual as autoras discutem a morfossintaxe de dois prefixos negativos de grande produtividade no português: *des-* e *in-*. Esses prefixos são analisados a partir dos critérios estabelecidos por Creemers *et al.* (2018), para a distinção entre afixos e raízes. Os resultados da análise demonstram que os prefixos *des-* e *in-* não se enquadram na tipologia proposta por Creemers *et al.*, uma vez que não constituem raízes ou categorizadores, propriamente. Antes, apresentam propriedades de um núcleo funcional, tal como NEG.

O quinto artigo, com o título **Inserção tardia para as raízes: supleção e depoência**, de autoria de Paula Armelin, Lydsson Gonçalves e Nilton Melo, revisita o debate entre inserção tardia e inserção precoce de raízes no quadro teórico da Morfologia Distribuída, oferecendo argumentos a favor da primeira abordagem. Partindo da revisão das duas posições teóricas, os autores apresentam o funcionamento de dados de supleção translinguisticamente, apontando para o fato de que abordagens que assumem fonologia precoce têm dificuldades na análise de tal fato empírico. Além disso, os autores trazem uma alternativa de análise à Embick (2000) para os verbos deponentes do latim, dispensando a necessidade de se assumir inserção de fonologia precocemente atrelada à raiz.

O sexto trabalho, de autoria de Jorge William Pedroso e Ana Paula Scher, intitula-se **Observações sobre o marcador de negação do japonês no predicado** e continua a relação de pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da Morfologia Distribuída. O foco da pesquisa é o marcador de negação do japonês, observado no contexto do que é denominado

pela literatura linguística sobre essa língua como predicado morfológicamente complexo. Os autores procuram discutir e avaliar o caráter adjetival que é comumente atribuído ao marcador de negação sentencial do japonês nesses contextos, assumindo, a partir da estrutura morfológica proposta por Shibata (2015), que os nós V-Neg-T formam um predicado morfológicamente complexo inseparável. Além disso, os autores propõem que o expoente fonológico *-(a)na-* para o marcador de negação do Japonês é um elemento funcional sem raiz que realiza o núcleo da projeção NegP, uma categoria funcional que comporá o predicado verbal morfológicamente complexo negado.

Em uma perspectiva de interface entre morfologia, sintaxe e semântica, Fernanda de Oliveira Cerqueira e Dannel da Silva Carvalho apresentam o artigo **A configuração de referência nos pronomes de terceira pessoa em português**, em que discutem o perfil morfossemântico do pronome pleno de terceira pessoa no português brasileiro. A partir observação do comportamento desse pronome nessa língua, os autores observaram que suas leituras referenciais expressam sempre pelo menos um dos seguintes traços semânticos: [definido] e [específico]. Partindo de uma Teoria-phi (HARBOUR, ADGER; BÉJAR, 2008), propõe-se que a categoria *pessoa* é composta por traços mais atômicos, que incluem os traços de definitude e especificidade. Essa composição reflete as diferentes leituras do pronome pleno de terceira pessoa no português, dentre elas as leituras arbitrária, indefinida e indeterminada, aproximando esse pronome dos demonstrativos. Como consequência, os traços [distal] e [dêixis] são incorporados à composição de tais pronomes.

Sem seguida, Natival Simões Neto, com a artigo intitulado **Adjetivos derivados com -ento e -lento na história da língua portuguesa: uma leitura orientada pela Morfologia Construcional**, propõe uma análise das palavras derivadas com os sufixos adjetivais portugueses em uma perspectiva histórica e construcional. O trabalho descreve aspectos variados, como a categoria lexical da base, a categoria lexical do derivado e o comportamento polissêmico do esquema de sufixação. No que toca aos aspectos históricos, a análise parte das formas latinas *-entus/-lentus*, com dados de um dicionário bilíngue latim-português, passa pelo português arcaico (séculos XIII a XVI), a partir dos dados de Soledade (2005), e chega ao português mais atual, a partir de um conjunto de dados extraídos de um dicionário da língua portuguesa contemporânea.

Mário Eduardo Viaro, com o trabalho de título **Sufixos com fricativas coronais na língua portuguesa da segunda metade do século XVI**, dá continuidade ao debate diacrônico na morfologia discutindo diversos sufixos coletados das duas edições do dicionário português-latino de Jerónimo Cardoso, que representam a sincronia da língua portuguesa da segunda metade do século XVI. O autor apresenta diferenças significativas na produtividade desses sufixos, assim como as constatadas entre itens lexicais com terminações similares que não desenvolveram sufixos independentes nas sincronias subsequentes.

No décimo artigo, Dannel da Silva Carvalho, Dorothy Brito e Jair Gomes de Farias, com um trabalho de natureza exploratória intitulado **Gênero e aspecto nominal: desdobrando individuação**, discutem a função de gênero gramatical nos nominais e sua correlação com individuação. Os autores partem da hipótese de que a marcação gramatical de gênero determina diferenças de perspectivização dos nominais e que a marcação de gênero e de número são duas faces do traço aspectual CONJUNTO (RIKHOFF, 1991; CARVALHO; BRITO; FARIAS, 2020). Adotando como aporte teórico uma taxonomia geométrica de traços morfosintáticos, para uma formalização lexical de individuação, dentre os quais encontra-se gênero, concluem que a realização das marcas de gênero possibilita leituras mais individuídas de objetos, que podem ser genéricas ou particularizadas, e cuja estrutura lexical é apresentada a partir de um modelo de traços constitutivos.

Dando continuidade aos trabalhos exploratórios, João Paulo Lazzarini Cyrino e Eudes Barletta Mattos apresentam o artigo **Um estudo exploratório sobre a classificação de morfemas por agrupamento hierárquico para comparação tipológica**. Os autores

observam que a comparabilidade, ingrediente necessário para a Tipologia Linguística, é especialmente difícil quando estamos tratando de categorias sem uma definição semântico-pragmática clara (CROFT, 2000). A partir disso, oferecem uma introdução ao uso de técnicas de processamento de linguagem natural, especialmente as de aprendizado não-supervisionado, para auxiliar a pesquisa de viés tipológico. Realiza-se, assim, um estudo tipológico com quatro línguas não relacionadas geográfica ou geneticamente: araweté, yakkha, pite saami e khwarshi. As classes obtidas parecem revelar, segundo os autores, informações sobre como as línguas organizam a morfologia gramatical em função da morfologia lexical, formando ou não classes de palavras que podemos reconhecer como nomes, verbos, etc.

O décimo segundo artigo que compõe o volume tem o título **Repensando ideofones e reduplicação no crioulo haitiano** e é de autoria de Ariele Helena Holz Nunes e Ana Livia Agostinho. O trabalho parte de Prou (2000) como base para os dados, ocupando-se, entretanto, de questionar as suas classificações. Nesse sentido, as autoras partem ainda da ideia de que os ideofones constituem um fenômeno morfofonológico, com características distintas em cada contexto de ocorrência – podem se apresentar com ou sem reduplicação, com ou sem marcação tonal, etc. As autoras assumem que os ideofones e a reduplicação representam processos distintos, porque no crioulo haitiano a reduplicação pode ser aplicada aos ideofones e não é inerente à sua natureza; elas constatam que os ideofones haitianos se comportam de maneira distinta dos ideofones encontrados em outras línguas, como o iorubá e o santomé; o que, muitas vezes, dificulta o seu reconhecimento como ideofone. Os dados e análises sugerem que não há critérios fixos para classificar os ideofones haitianos, gerando inquietações acerca de sua autonomia, classe gramatical e o status de ideofone. Por fim, as autoras propõem que os ideofones haitianos devam ser reanalisados de acordo com duas características morfofonológicas: a característica onomatopaica e a reduplicação morfofonológica.

O volume é encerrado com a tradução, realizada por Maurício Resende e Beatriz Pires Santana do clássico texto **Algumas características centrais da Morfologia Distribuída** (*Some key features on Distributed Morphology*), de Morris Halle e Alec Marantz, publicado originalmente em 1994 e que baseou boa parte dos desenvolvimentos desse modelo teórico.

Esperamos que este dossiê **Questões contemporâneas em Morfologia e suas Interfaces** inspire a comunidade científica e contribua para a continuação da pesquisa em morfologia em todas as áreas de investigação. Para concluir esta apresentação, gostaríamos de fazer dois agradecimentos fundamentais. Dessa forma, agradecemos profundamente aos colaboradores, cujas excelentes contribuições têm ampliado as fronteiras dos estudos sobre as interfaces da morfologia. Por fim, agradecemos imensamente a cada um dos membros da equipe editorial da Revista do GELNE tanto por encampar a ideia desse dossiê, como pelo suporte e pela paciência durante todas as fases de organização desse volume.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Danniell da Silva; BRITO, Dorothy Bezerra Silva de; FARIAS, Jair Gomes de. Notas sobre el aspecto del género gramatical. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento* (RACC), no prelo.

CARDOSO, Jerónimo. *Hieronymi Cardosi Lamacensis dictionarium ex lusitanico in latinum sermonem*. Lisboa: Ex officina Ioannis Aluari typographi Regij, 1562-1563.

CREEMERS. Ava; DON, Jan; FENGERS. Some affixes are roots, others are heads. *Natural Language and Linguist Theory*, vol. 36, p. 45–84, 2018.

- CROFT, William. *Typology and universals*. Cambridge University Press, 2002.
- EMBICK, David. Features, syntax, and categories in the Latin Perfect. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass, v. 31, n.2, 185-230, 1 sem. 2000.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay. (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, p. 111-176, 1993.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of distributed morphology. In A. CARNIE, Heidi HARLEY; T. BURES (eds.), *MITWPL 21*, p. 275-288, 1994.
- HARBOUR, Daniel.; ADGER, David; BÉJAR, Susana. *Phi-Theory: phi-features across modules and interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics: An Open Peer Review Journal*, v.40, Issue 3-4, p.225-276, 2014.
- MARANTZ, Alec. *Phases and words*. Manuscrito. NYU, 2007.
- RIJKHOFF, Jan. Nominal aspect. *Journal of Semantics* 8(4), p. 291-309, 1991.
- SAAB, Andrés. LO GUERCIO, Nicolás. No name: the alossemy view. *Studia Linguistica*. Oxford, v. 74, n. 1, p. 1-38, 2019.
- SHIBATA, Yoshiyuki. Exploring Syntax from the Interfaces. Ph. D. dissertation – University of Connecticut, 2015.
- SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, Aureliana. A. D.; SANTANA, Elisângela S. (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar* Salvador: Edufba, 2018, p. 345-378.